

Farrapos

Diretor:
João Paulo Silveira
Redator-Gerente:
Carlos Pereira Filho

Ano I | Florianópolis, 9 de Janeiro de 1947 | Nº 5 Cr.\$ 0,20

Novo Ano, Nova Vida

A LIBERDADE

Éis o nosso primeiro número de 1947.

Como todos os anos, o 1946 findou-se, deixando muitas delícias e muitas recordações e também muitos desgostos e aperturas, pois a vida que tem de continuar segundo leis imutáveis, teve nesse ano as suas condições muito agravadas, pelos múltiplos e grandiosos problemas, ainda na maior parte insolúveis, que nos trouxe este após guerra.

Em compensação, para os nossos pendores de luta e de fé, o novo ano refaz-nos as esperanças e como em todo o mês de janeiro, fortalecemo-nos, com a ajuda de Deus, para os contínuos embates que a vida requer. E assim temos mais este janeiro, caloroso, e barulhento com as espetativas de um grande prélio cívico e com as paredes e muros enfeitados com cartazes multicores de todos os que lutam pela democracia e pelo o bem estar da pátria.

Daqui, deste modesto cantinho formulamos a todos os nossos amigos e leitores, os nossos melhores votos de felicida-

É o nível do direito.

Assim com os rios correm canalizados e o próprio mar tem praias que o limitam não pôde o homem exceder-se ás leis, que são as margens da Liberdade:

O que se insurge contra as leis sai do curso normal da vida e torna-se como a água que, desviando-se da corrente, entra pela terra, encharca-a e fica em pantano, apodrecendo ao sol.

Nada mais livre do que a natureza e, todavia, é regida por leis invariáveis.

O que regula a vida é a obediência ao ritmo, a harmonia das funções orgânicas.

Aquele que, insubordinando-se salta por cima das leis a pretexto de buscar a Liberdade, só encontra tropeços no seu caminho e, por muito querer andar salto, acaba sempre encarcerado.

Coelho Neto

de durante a passagem deste recém nascido pimpolho, que no correr incessável dos tempos tomou o nome de 1947.

Página

Beletrística

O MAR

O mar estava calmo. Tão calmo que igualaria a a um espelho.

Ac lá, gaivotas brancas como neve, esvoaçavam elegantemente.

As ondas de mansinho beijavam a praia em semi círculo.

Mas eis que do sul negras nuvens se encaminham para cá e com elas, o terrível tufão. Logo o disco dourado do sol é coberto. As ondas se avolumam. Já não são plácidas mas, aterrorizadoras. O vento destroça choupanas dos pescadores, arranca invisivelmente as palmeiras. Já não voam as gaivotas. Já o mar não é um espelho, é um turbilhão branco-cinza. As canoas e barcos são carregados pela fúria terrífica.

M s de novo surge o sol. Aplaca-se o vento, as ondas voltam a ser plácidas como um cordeiro. Tudo é vida

De novo reina a paz.

O sol se esconde no seio do mar, desce a penumbra.

É noite.

CFO

O Crepúsculo

Era uma tarde de verão.

O sol desaparecia por tras da verde mata. Nuvens aqui e acolá, delgadas, num tom púrpura faziam corte ao Rei do Universo que repousava. U ma penumbra desce sobre a face da terra sombreando cada vez mais. O sol tinha desaparecido, era noite, uma noite de verão.

C f o

QUADRAS

O pouco que Deus me deu
Cabe nesta mão fechada;
O pouco com Deus é muito
O muito sem Deus é nada.

Dou-te a minha liberdade
Que é o meu tesouro de Rei.
Dou-te a minha própria vida!
— E acho que nada te dei...

Saiba Que ...

Do Almanaque do Tico-Tico

A primeira estrada de ferro construída na Europa foi a de Liverpool a Manchester, em 1829.

* *

Socrates, ilustre filósofo ateniense, era filho do escritor Sofronisco.

* *

O canto do rouxinol pode ser ouvido a um quilômetro de distância.

Uma velha historia

Certa vez dois portugueses foram à New York.

Por azar, se hospedaram no 100 andar do Rockefeller Center. Certa noite foram divertir-se no Maroco e voltaram altas horas da noite. Quando voltaram os elevadores já estavam parados e tiveram que subir as escadas. Então fizeram um acordo para que cada fesse contando uma historia bem triste. E o primeiro começou: «... Pois ié. Uma bés ieu tinha um peisserinho mui vunito. Ieste peisserinho iera tão vunito qui ieu chaguei a mataire ia minha cara metade porque iela ietaba a namuraire u laparoto du peisserinho.

Vain ... » já estavam no 59 andar «ieste peisserinho um



Método prático para as mães.

— Eu mesmo sou o tal, faço o que quiser do meu violino!

— É? Então faça dele uma nota de cem cruzeiros e pague o dinheiro do aluguel.

Leia sempre:

« O Estado »

●●●●●●●●●●
Uma organização de vendas à sua disposição

R. H. BOSCO LTDA.

—Itajai—

Seguros em geral

Representações

Servir sempre e do melhor modo

●●●●●●●●●●

Farrapos

Florianópolis, 9 — 1 — 1947

Uma velha historia

(conclusão)

dia cantou iuma milodia tão vunita qui perecia u Tico-Tico nu Fuvá". Tinham chegado no 95 andar. «Ieu, continuou o portugues, um dia bi qui u peisserinho tinha desaparecido. Mas ieu iocuntrei sim, mas, coltedinho, istaba morto, mortinho da Silba». E os dois desataram a chorar. O outro tinha de contar outra historia bem triste e então quando estavam no 99 andar, o outro disse: «Vãim, ié, a minha bêz di cuntaire a historia. Puis ieu sei uma vãim tristi».

«Quali ié?» pergunta o outro.

«Nois, respondeu o outro, Ié qui nois s'esquecemo da laparota da chave na purtaria».

CFO

Um inglez, percebendo que estava sendo roubado, tirou do bolso um canivete e cortou a orelha do ladrão.

Este gritou: — Assassino!

E o inglez: — Ladrão!

O gatuno, temendo a policia, entregou-lhe o objeto roubado:

— Aqui está o seu relógio.

E o inglez:

— Aqui está a sua orelha. Estamos quitos.

(Extraído)

Farrapadas

Por Joeira Silvão Filho

Leiteros:

Novamente, a secção Farrapadas, que vem dar cabo da última coluna deste nó-ticioso órgão.

Hoje, apresentarei, neste anuário mensal que diariamente uma vez por semana, um soneto dedicado ao Ano Novo em que se acabará os «Tubarões», gafanhotos e Câmbio Negro.

Agora, meus bajulados leiteros. Lá vai soneto!

ANO NOVO

Quarenta e seis infeliz!
Todo mundo te maldiz!
Para dar lugar, ao pior,
— Um ano muito melhor.

Vem o célebre motor,
Puxado por um trator,
Dar luz a nossa cidade
Que é barbaridade.

Talvêz assim indereite,
E mandem também mais leite
Porque assim vai muito mal.

Tem ainda as eleições
Dos dois grandes figurões,
IRINEU e ADERBAL.

xxx

Leia no próximo número:

A vida começou quando
eu nasci.